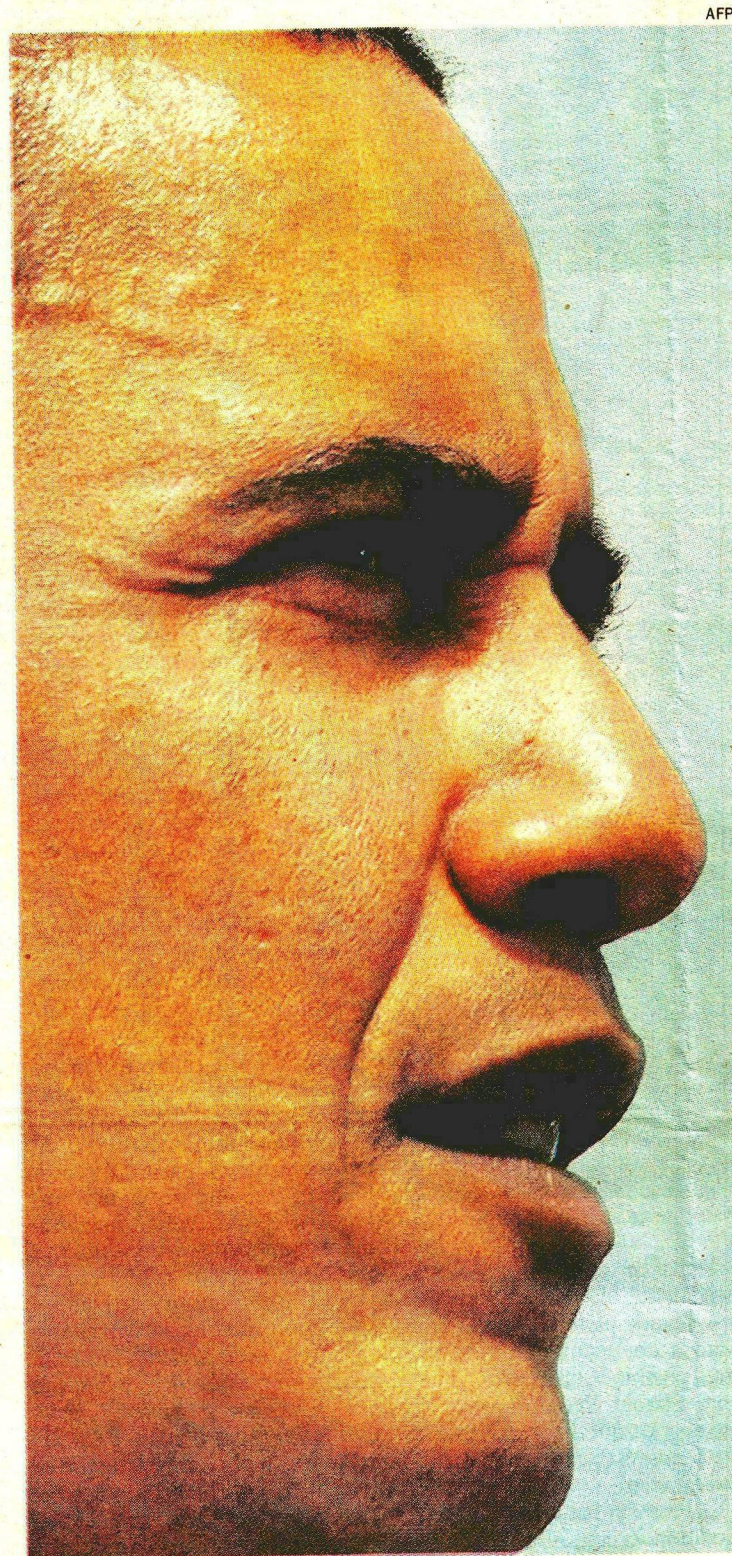


ANÁLISE

# Táticas distintas para sobreviver ao colapso



DESAFIO - Obama agora tenta cumprir promessas da campanha

O colapso da economia global atingiu de formas bem diferentes Brasil e Estados Unidos. Em 2008, a maior economia do mundo era governada por um presidente com a credibilidade em queda, em fim de mandato. Mudança era a palavra de ordem, e Barack Obama assumiu

Gabriel Costa

No momento em que a maior potência do planeta ansiava por mudanças, ele parecia ser a personificação de tudo o país precisava. Barack Obama foi eleito presidente em 4 de novembro de 2008 com a responsabilidade de salvar a economia americana — e o ar de quem sabia estar à altura do desafio.

Agora, à medida em que a alardeada longevidade da crise testa a paciência dos americanos e as medidas de resgate e estímulo, embora pareçam ter evitado o pior, mostram efeito apenas gradual e alto custo no longo prazo, Obama encara o real desafio de cumprir as ambiciosas promessas de sua campanha.

As expectativas eram altas, mesmo por parte do próprio Obama — diz o cientista político Henri Ozi Cukier, fundador da empresa de consultoria Core. — Só que ele parece não ter levado em conta o jogo político, o fato de que o presidente não tem autonomia total.

De fato, o Congresso — e as tradicionais disputas entre democratas e republicanos — tem se mostrado um obstáculo constante aos planos do presidente. Já na ocasião da aprovação do pacote original de US\$ 819 bilhões, Obama não conseguiu o apoio bipartidário que almejava, e os 177 legisladores republicanos presentes votaram contra o projeto. A versão final do estímulo foi de US\$ 787, e desde então árduas negociações foram necessárias para obter avanços relativos a questões tão distintas quanto o orçamento e regras ambientais, o que, segundo especialistas, levou Obama a relativizar em seu discurso questões antes abordadas com rigidez.

— É curioso vermos como mu-

“  
Obama parece não ter levado em conta o jogo político

Henri Ozi Cukier  
cientista político

dou o discurso. Hoje, o sistema bancário americano não enfrenta um quadro tão grave, por exemplo, e a retórica da ajuda financeira perdeu força — comenta o professor de economia Júlio Gomes de Almeida, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Imagem

Apesar dos desafios, Obama ainda parece à vontade no cargo que ocupa. Na ocasião simbólica dos 100 dias de mandato, a revista semanal alemã *Der Spiegel* destacou que nenhum presidente desde Ronald Reagan controlou a própria imagem e mensagem tão rigidamente quanto Obama.

Ele assumiu uma postura presidencial quase que imediatamente — disse o professor e especialista em história presidencial James Thurber, da American University, à publicação. — Ele transformou a si próprio, tanto do ponto de vista físico quanto retórico.

Algumas das iniciativas de Obama, no entanto, são evidentemente menos populares do que o próprio presidente. A intervenção governamental na economia e no setor bancário foi vista com certa reserva pela população, assim como a ajuda a instituições financeiras que são vistas como responsáveis, até certo ponto, pela crise.

Para o economista Antonio Carlos Lemgruber, ex-presidente do Banco Central, a gravidade da situação levou o governo americano a tomar atitudes ousadas que, embora tenham se mostrado corretas por evitarem um aprofundamento ainda maior da turbulência, ainda podem trazer riscos.

O governo tomou medidas arriscadas, que ainda podem acarretar em risco inflacionário, mas isso foi necessário. O pior foi evitado e os resultados mais recentes são até animadores — avalia Lemgruber, hoje consultor econômico e colaborador do blog RGE Monitor, de Nouriel Roubini, economista famoso por ter “previsto” a crise em 2006.

Já o próprio Roubini mantém uma visão cautelosa e até algo sinistra das perspectivas para a economia americana.

“O debate sobre uma trajetória em V acabou, uma vez que estamos no 19º mês de uma severa recessão. (...) estamos em uma profunda recessão em forma de U. Eu também tenho argumentado constantemente que há o risco de uma recessão de dupla queda, em formato de W, rumo ao fim de 2010”, alertou o economista em nota divulgada na quinta-feira.

Com a primeira parte da tarefa aparentemente cumprida — conter a crise e evitar seu aprofundamento —, Obama negou esta semana a necessidade de um novo pacote de estímulo, apesar das críticas dos republicanos. Se é um erro de avaliação ou não, só o futuro vai mostrar. Não seria de todo absurdo. Como a curiosa foto na cúpula do G-8 com o presidente francês Nicolas Sarkozy e a brasileira Mayara Alves lembrou a todos, o presidente é, afinal de contas, apenas humano.

com medidas ousadas para salvar a economia. A situação brasileira era exatamente oposta. Estável e em crescimento, a nação encarou o impacto. A pedido do **Jornal do Brasil**, especialistas analisaram a trajetória de cada país em meio ao abalo.

“  
Houve uma relutância muito grande em responder à ameaça

Antonio Carlos Lemgruber  
ex-presidente do Banco Central

BC das medidas do governo relativas a questões fiscais.

O Banco Central agiu muito bem, tranquilizou os mercados, a questão cambial, ampliou a oferta monetária, usou bem as reservas... já em relação ao lado fiscal, o governo deveria ter optado por segurar os gastos correntes — afirma.

De acordo com Velloso, especialista em contas públicas, o governo deveria ter investido em um programa mais ambicioso para substituir a demanda que antes vinha de fora do país, já que medidas de estímulo ao consumo não são sustentáveis por longos períodos.

Júlio Gomes de Almeida, da Unicamp, discorda. Para o economista e professor, que foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Lula atuou muito bem na questão fiscal, mas errou a mão no lado do crédito, com a liberação dos compulsórios, uma das primeiras medidas do governo após o agravamento da crise.

A conclusão é que a crise veio fraca, mas não tanto quanto se imaginava. Inclusive, na indústria veio mais forte do que o esperado, o que poderia ter sido minimizado se o governo tivesse acertado na questão do crédito — diz o professor da Unicamp.

Uma crítica unânime entre es-

pécialistas desde o início da crise foi a demora no início do processo de cortes na taxa básica de juros brasileira, a Selic. Em outubro, enquanto as bolsas de valores ao redor do mundo sofriam perdas históricas, o presidente evitou falar sobre a redução da taxa.

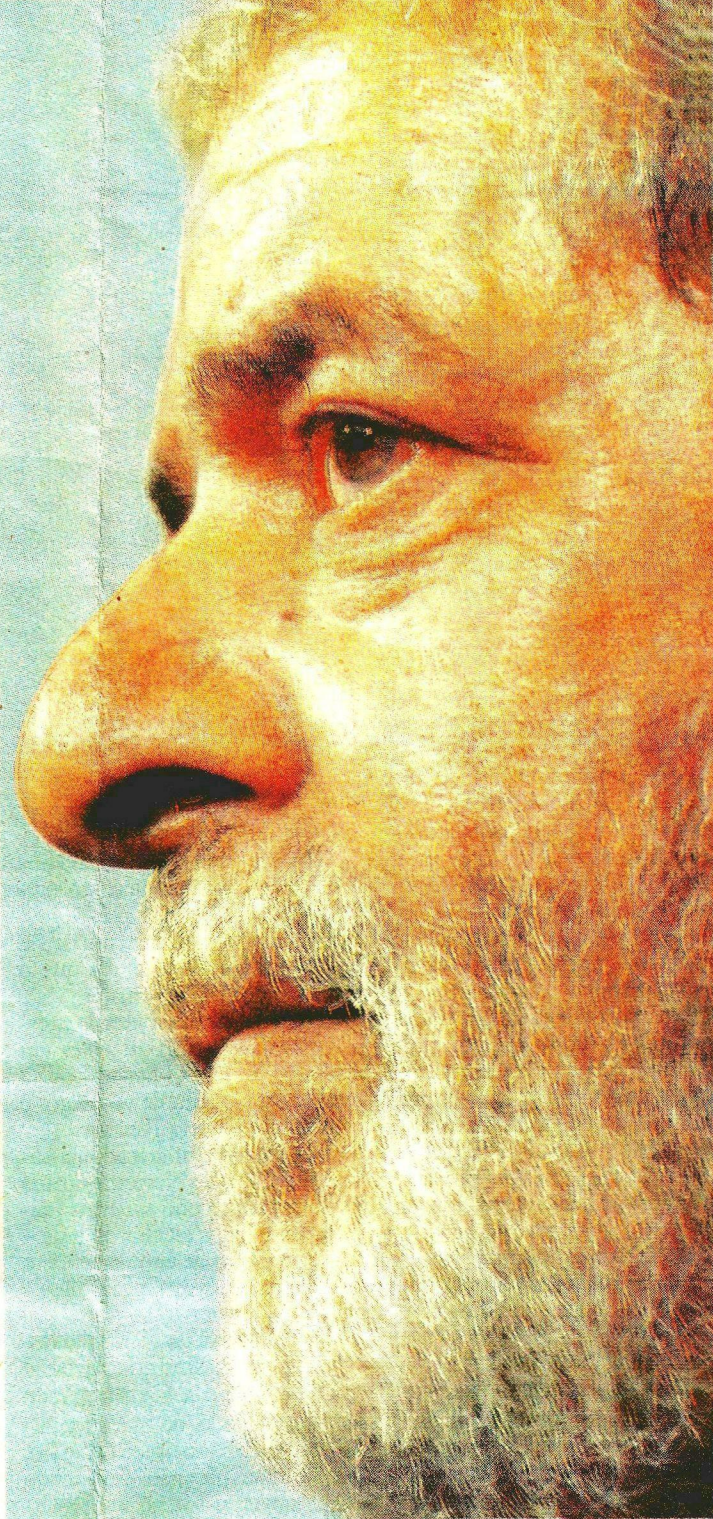
Tudo acontecerá no tempo certo. O Banco Central tem sido importante na condução da política econômica — disse Lula à época.

Estacionada em 13,75% ao ano desde o agravamento da crise, em setembro do ano passado, a Selic só sofreu o primeiro corte pelo Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central em janeiro, quando baixou um um ponto percentual, a 12,75% ao ano.

Houve uma relutância muito grande do governo em responder à ameaça de recessão — diz o ex-presidente do BC Antonio Carlos Lemgruber. — Isso é até compreensível, afinal o Brasil ainda carrega, por incrível que pareça, uma forte memória inflacionária.

Lemgruber traça um paralelo com a situação dos Estados Unidos ao dizer que, se o governo Obama tomou medidas arriscadas que certamente terão consequências, a cautela excessiva de Lula também terá um preço.

Enquanto a ideia de que o pior da crise ficou para trás ganha força, o Brasil consolida sua posição de destaque entre os emergentes, em um vislumbre do possível papel a ser ocupado pelo país na arquitetura do mundo pós-crise. No novo cenário, Lula provavelmente não estará à frente do governo, mas se não houverem novas surpresas pelo caminho, segundo a análise de especialistas, poderá ter a consciência de ter surfado bem na “marolinha.”



POLÊMICA - Lula ainda precisa resolver o que fazer com a Selic

## As reviravoltas diante da turbulência

Desde o primeiro dia na Presidência, Obama fez uma verdadeira revolução na economia americana: ajuda a instituições financeiras, companhias automobilísticas e o mercado imobiliário, um gigantesco pacote de estímulo no valor de US\$ 787 bilhões, cortes de impostos e novas regras para Wall Street.

Críticas foram feitas à intervenção governamental na economia e no setor bancário, à proteção das instituições financeiras responsáveis pelo abalo em Wall Street e ao enorme acúmulo de dívidas nacionais decorrentes dos gastos com estímulo e resgates.

Em maio, Obama passou pela primeira disputa séria com grandes empresários americanos, ao anunciar medidas para combater a sonegação fiscal e a instalação de empresas nacionais em paraísos fiscais no exterior.

No início da semana, o presidente foi alvo de escrutínio da imprensa em virtude dos empregos perdidos com a reestruturação da indústria automotiva e descontentamento com os efeitos lentos dos estímulos.



Em setembro do ano passado, Lula cobrou da ONU uma solução. Dias depois, criou a metáfora da “marolinha” em referência à crise.

Em outubro, o presidente brasileiro afirmou que a turbulência não iria comprometer metas de crescimento do Brasil para os próximos anos. Desde então, as previsões de expansão do PIB sofreram constantes revisões, e chegaram à possibilidade de crescimento negativo. “Agora não é uma crise dos pobres, o calo é no pé dos ricos”, comentou Lula.

No início de dezembro, quando a contração de crédito já chegava ao país e as exportações estavam em queda, Lula mudou o discurso. “Se você chega dizendo a gravidade da doença, você acaba matando o paciente”, justificou.

Já em março, o presidente declarou-se “possivelmente o mais otimista de todos os 190 milhões de brasileiros” frente à crise. No mesmo mês, Lula disse, em encontro com Gordon Brown, que o abalo global foi causado por “gente branca de olhos azuis”.

Na cúpula do G-8, em julho, Lula cobrou dos países ricos ajuda aos pobres para combater os efeitos da crise financeira internacional.